



Correspondência à Entrevistada

Marilia Morosini
 E-mail: marilia.morosini@pucrs.br
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 Porto Alegre, RS, Brasil
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/8614883884181446>

Correspondência à Entrevistadora

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira
 E-mail: eaguiar@unicamp.br
 Universidade Estadual de Campinas
 Campinas, SP, Brasil
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/6205064013011021>

Submetido: 12 abr. 2024
 Aceito: 30 abr. 2024
 Publicado: 08 maio 2024

[doi> 10.20396/riesup.v11i00.8676267](https://doi.org/10.20396/riesup.v11i00.8676267)
 e-location: e025047

ISSN 2446-9424

Checkagem Antiplágio



Distribuído sobre




Internacionalização da educação superior em tempos de movimentos regionais: entrevista com Marilia Morosini

Internationalization of higher education in times of regional movements: interview with Marilia Morosini


La internacionalización de la educación superior en tiempos de movimientos regionales: entrevista con Marilia Morosini



Marilia Morosini (Entrevistada)

 <https://orcid.org/0000-0002-3445-1040>

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira (Entrevistadora)

 <https://orcid.org/0000-0001-8263-9534>

Entrevistadora (Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira) apresenta a entrevistada (Marília Morosini)

Profa. Dra. Marília da Costa Morosini é uma das mais prestigiadas intelectuais do Brasil na atualidade. Sua contribuição para a área da educação tem sido intensa, especialmente para a área da educação superior, área em que tem um vasto número de publicações de excelência. desenvolvido muitos projetos de pesquisa, orientado pós-graduandos e sido palestrante em inúmeros eventos nacionais e internacionais. Seu dinamismo pode ser notado pelas suas ideias nesta entrevista, a qual a RIESup teve o privilégio de obter.

Em sua produção atual destacam-se: Enciclopédia de Pedagogia Universitária; Glossário de Pedagogia Universitária (700 p.); Enciclopédia Internacional de Educação Superior para os Países de Língua Portuguesa (oral); Enciclopédia Brasileira de Educação Superior (EBES) e da BEHE Brazilian Encyclopedia of Higher Education (EDUCA). É editora da Série de livros Educação Superior PRONEX/CNPq/FAPERGS. A Profa. Marília C. Morosini é pesquisadora 1A pelo CNPq e está entre os cem pesquisadores mais influentes em Educação na América Latina, segundo o AD Scientific Index, 2022 e 2023 (H=33; H10=80, 5.156 citações) e entre os 10 mais citados autores sobre Internacionalização da educação superior na Scopus/Elsevier (2011-2020).

Profa. Dra. Marília Morosini (Entrevistada):

Agradeço de coração o convite para esta entrevista. Não só por considerar a RIESUP, além da única revista brasileira qualificada sobre Educação Superior, desbravadora da temática no país, mas, principalmente, pelo desafio das perguntas que a Beth elaborou. E não poderia ser diferente.

Não são de fácil resposta. E tanto a Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira como a Maria de Lourdes Pinto de Almeida sabem que as recebi em setembro de 2023 e só as respondi em abril de 2024. Mais ou menos, 6-7 meses. Essa demora não foi simplesmente por uma agenda conturbada, mas porque o campo científico da educação superior/internacionalização está efervescente. É nesse período que a América Latina é um mundo em ebulição socioeconômica-política, que se interconecta com a ebulição global. Este é marcado pelo acirramento do nacionalismo com o fechamento de fronteiras e aumento de guerras, pelo aporte de ditadores e por uma bipolarização que não aceita a mediação e defesas de valores universais. Mas, este é também um tempo de fortalecimento da regionalidade. Ocorre a Conferência Mundial de Educação Superior - CMES (Barcelona 22), que propôs um road map, e a Conferência Regional de Educação Superior - CRES+5 (Brasília, 2024) que retoma a Conferência Regional de Educação Superior - CRES2018 (Córdoba) e avalia e propõe perspectivas para a Educação Superior e a internacionalização. Assim, esperei essa reunião para responder às questões

propostas, e, talvez não tenha podido responder todas as dúvidas levantadas. Ah!, reagrupei algumas questões, Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira. Mas, vamos lá!

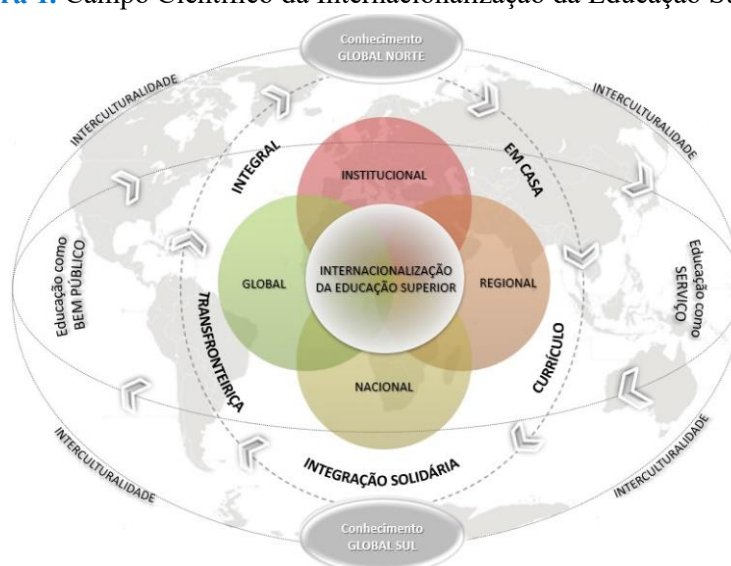
Profa. Dra. Elisabete Pereira (Entrevistadora):

O Séc. XXI apresenta alterações de diferentes ordens na geografia política, nos setores econômicos, no mundo social, no universo tecnológico e no campo educacional. De forma especial, a educação superior reflete essas alterações nas políticas educacionais e um dos aspectos que tem estado em discussão e debate é o da internacionalização na educação superior. Como especialista nessa temática, como você vê as políticas de internacionalização nas universidades brasileiras e latino-americanas?

Entrevistada:

Para responder essa pergunta é necessário compreender que a internacionalização não pode ser vista isoladamente num determinado território, no caso, a América Latina. Há diversos stratus que a configuram, a saber: o global, o regional, o nacional e o institucional e seus diferentes atores. Esses stratus reagem/propõem suas políticas de uma forma interconectada com base em seus princípios. A figura, a seguir, publicado, originalmente, no capítulo de internacionalização na EBES – Enciclopédia de Brasileira de Educação Superior (2021), configura esse campo.

Figura 1. Campo Científico da Internacionalização da Educação Superior



Fonte: Dallacorte, Morosini. EBES, 2021.

Assim, a partir da noção de campo científico (Bourdieu, 1983), podemos responder a tua pergunta. Via de regra, o campo científico de concepção e prática da educação superior

na América Latina e, conseqüentemente, da internacionalização, tende a se alocar à esquerda. Ou seja, voltado a uma concepção de educação superior como bem público.

Tais concepções envolvem proposições reafirmadas nas diferentes Conferências Regionais de Educação Superior da América Latina e do Caribe (CRESAL&C), promovidas pela IESALC/UNESCO, bem como reuniões preparatórias e, posteriormente, levadas às Conferências Mundiais de Educação Superior.

Nesta trajetória a universidade é posta no centro da produção do conhecimento e o processo de internacionalização e' destacado como um componente chave para sua pertinência na sociedade atual, e afirmando que se requer, mais internacionalização e mais contextualização.

A declaração final da CRES2018 reforçou a regionalização

En la región, se debe abogar por la internacionalización para una cooperación interinstitucional basada en una relación solidaria entre iguales, con un enfoque en la cooperación Sur-Sur y la integración regional. (...) Debe promover el diálogo intercultural, respetando la idiosincrasia y la identidad de los países participantes, fomentar la organización de redes interuniversitarias y fortalecer las capacidades nacionales a través de la colaboración interinstitucional y la interacción con pares académicos a escala regional e internacional. Esto promoverá la circulación y apropiación del conocimiento como un bien social estratégico, en pro del desarrollo sostenible de la región y sus países. (IESALC, 2018)

A CRES+5 (Brasília, 2024) buscava a avaliação do plano de trabalho proposto, posterior a CRES2018.

o objetivo é criar um cenário propício para um desenvolvimento significativo como bloco regional, orientado para o bem-estar e a equidade. ...
... endossamos a vigência das instituições de ensino superior como um espaço valioso para a construção de um futuro promissor baseado na cidadania plena, na justiça social, no desenvolvimento sustentável e na integração regional.

A CRES+5 teve uma intensa representação de estudantes bem como pesquisadores, técnicos administrativos e educacionais, associações, congregando em torno de 1500 pessoas e foi promovida pelo Ministério de educação numa parceria da SeSU e da CAPES. Neste contexto, depois de reafirmar uma abrangência maior de sua concepção de integração bem como do conceito de internacionalização, afirmou

A integração regional emancipatória deve ser promovida através de convenções interinstitucionais, mobilidade e intercâmbio de estudantes, pessoal acadêmico e técnico-administrativo e científico, programas de internacionalização no país e outras estratégias de internacionalização intrarregional e com outras regiões do mundo.

Em relação a uma visão geral do contexto latino-americano de 2018 até hoje, a CRES+5 as políticas de internacionalização são classificadas como complexas e com inúmeros desafios e afirma:

... é evidente uma deterioração nos âmbitos político, econômico e social que afeta significativamente o ensino superior na região. De forma drástica, surgiram governos que expressam abertamente sua oposição à democracia participativa, à autonomia na aquisição de conhecimentos para alcançar a plena soberania na ciência e tecnologia, nas humanidades, na cultura e nas artes ou mesmo negam aspectos fundamentais para nosso futuro.

Quando retomamos a figura 1 que mostra o campo científico da internacionalização, no plano regional, há uma tendência da América Latina em buscar uma integração solidária regional e mais recentemente emancipatória. Mas, se olharmos de forma mais ampla, a globalização é diferente da internacionalização pensada pela América Latina, porque tem um veio mercantilista, onde a internacionalização e a educação superior são consideradas como serviço, como mercadorias, com a utilização de rankings, de comparabilidade para a circulação de diplomas, de cursos e assim por diante.

No nível institucional, eu sou bastante positiva. Nós evoluímos de forma significativa da primeira CRES para a atual, não tanto na questão do desenvolvimento socioeconômico, na questão política, mas na questão da concepção de internacionalização. Há um sentimento e uma perspectiva de que a internacionalização é importante para a qualidade e em sendo importante para a qualidade, ela deve ser buscada.

A gente pode discutir as interconexões entre o global, o regional, o nacional e as perspectivas institucionais. No caso do Brasil, não temos somente IES públicas e privadas, nós temos algo que na América Latina não é muito compreendido, nós temos as públicas (federais, estaduais, municipais) e as privadas. E, nessas últimas, temos aquelas que são for profit, ou seja, aquelas que buscam, prioritariamente, o lucro; e temos as confessionais, as comunitárias, que são consideradas públicas de direito privado. Essa é uma complexidade que dificulta o processo de integração Latino-americano, porque exclui as comunitárias, que no caso do Rio Grande do Sul são muito fortes e que poderiam contribuir para esse processo integrativo.

Feitas essas explicações, o que eu gostaria de dizer é que hoje se faz presente um movimento de pensar uma internacionalização para América Latina, marcado pelo movimento. Até a CRES 2018, a integração proposta era a solidária. Agora, na de 2018 + 5, já se anexam proposições que reforçam a regionalidade e determinam o foco emancipatório. Assim, o proposto é a integração regional emancipatória.

Em relação às políticas de internacionalização das universidades brasileiras e latino-americanas é importante destacar que existe uma complexidade de análise, advinda do

desconhecimento da realidade. Não temos uma visão científica de todas as universidades latino-americanas. Tenho acompanhado a CRES e uma das principais proposições é a concepção de internacionalização como integração solidária. Avaliando por pesquisas, mas não suficientes, porque a América Latina é complexa e desconhecida, temos verificado que inúmeras ações de integração solidária vêm ocorrendo, mas que não estão explicitadas. Em outras palavras, já vem ocorrendo uma internacionalização silenciosa que não está restrita à mobilidade e/ou a convênios que muitas vezes são intenções. Para que possamos tomar decisões - se faz necessário dados e informações. E isto, como pesquisadora posso afirmar - existe, de uma forma confiável para a AL, os estudos que o GIEPES vem analisando. Mas ainda precisaríamos de mais dados, pode ser em nível nacional, mas acho que o institucional nos trará maiores informações sobre que outras formas vêm ocorrendo, com foco no sul-sul e, tendo esses diagnósticos, partirmos para decisões factíveis.

No Brasil, em termos de política nacional de internacionalização, há a tendência para atender à regionalidade, além dos tradicionais países que reconheço, tem uma potente contribuição pelo desenvolvimento científico e tecnológico que os caracterizam. Assim, as políticas não devem se extinguir nos tradicionais países do global norte como Estados Unidos, Canadá e na União Europeia, mas irem além, através da complementariedade com a busca de internacionalização latino-americana e sul-sul.

E é nessa perspectiva a minha defesa do conceito de internacionalização em casa (IaH) em complementariedade à perspectiva da mobilidade, à perspectiva da internacionalização do currículo (IoC), à perspectiva da Internacionalização compreensiva ou integral. Enquanto nós estivermos pensando somente na internacionalização como mobilidade presencial, só iremos atingir uma elite, porque segundo os dados (GEOCAPES), o nosso poder de atratividade dos estudantes do global norte é muito pequeno, e o nosso poder de enviar estudantes para o global norte também, numericamente, é pequeno quando comparado com o total de estudantes das IES do país. A mobilidade in e a out (presenciais) não são perspectivas basilares para as universidades brasileiras e, provavelmente, latino-americanas.

Eu identifico, hoje, que as políticas de internacionalização nas universidades brasileiras e latino-americanas estão abrindo a mente para a necessidade de implantar outras políticas, outros reconhecimentos, outras formas de internacionalização que possibilitem que os meus alunos, mesmo estando na sua universidade, tenham a possibilidade de acessar aulas, bibliotecas, etc.. em outras universidades ou instituições de educação superior.

Entrevistadora:

Estas políticas estão respondendo ao que é esperado para a formação de um profissional com ampla visão e compreensão do multiculturalismo para um mundo mais integrado?

Entrevistada:

Em relação à pergunta que colocas, se esse tipo de política, hoje existente, é suficiente para formar uma compreensão de multiculturalismo, antes de responder diretamente à questão, se faz necessário reafirmar que a legislação brasileira oferece bases para tal. Por exemplo, no caso da LDB/96, na qual é dito que a educação tem dois grandes motes, dois grandes objetivos: um deles é a capacitação para o trabalho e o outro a formação integral do estudante. E essa formação que tem como foco um bem viver na sociedade implica, na minha compreensão, na interculturalidade crítica. Walsh (2009) e Clemente (2023) apresentam níveis de interculturalidade, desde aquela que sabe que existem diferentes culturas, aquela que as respeita e aquelas que se posicionam de forma crítica, que propõem um processo de compreensão/revisão estrutural. Essa compreensão de interculturalidade propicia um desenho de sociedade, tal como um projeto político, epistêmico e ético direcionado para uma mudança estrutural e sócio-histórica baseada em uma construção conjunta. Vivemos num mundo multicultural, mas a integração global/regional emancipatória ocorre numa perspectiva intercultural crítica.

Voltando à especificidade da tua pergunta: A atual política de Internacionalização não consegue dar conta de nenhum desses objetivos de forma total.

Mas em alguns casos, quando a noção de internacionalização envolve o intencional e o intercultural, sim. Volto a afirmar o processo de compreensão de um conceito de internacionalização discutido por mim (2017), fundamentado em conhecimentos construídos anteriormente, com base em autores e associações educativas, principalmente a IESALC Unesco.

Processo de integrar uma dimensão internacional e intercultural na Educação Superior, advindo de interações, sustentadas por redes colaborativas, com blocos socioeconômicos desenvolvidos e com outros que valorem múltiplas culturas, diferenças, locais e tempos, fortalecendo a capacidade científica nacional, com o fito de ser irradiador do desenvolvimento sustentável. (MOROSINI, 2017)

A partir do conceito anterior respondo a próxima pergunta:

Entrevistadora:

Como a internacionalização da educação superior está alinhada com os objetivos de desenvolvimento sustentável?

Entrevistada:

Para essa resposta volto a perspectiva de campo científico. Ou seja, depende de quais princípios embasam a concepção de internacionalização. E então posso dizer alinhada. Porque

se pensarmos na América Latina, em particular, se objetiva uma internacionalização regional emancipatória, e olhando os Objetivos do desenvolvimento Sustentável - ODS e, em específico, o ODS4, que diz educação de qualidade, inclusiva, equitativa e ao longo da vida. Não deixe ninguém para trás.

Entrevistadora:

Quais são os benefícios da internacionalização do currículo para os estudantes de hoje? Como estes benefícios podem impactar a formação dos estudantes a longo prazo?

Quais você diria serem os desafios mais comuns enfrentados pelas instituições de ensino superior ao buscar a internacionalização do Currículo?

Entrevistada:

Antes de responder, especificamente, os benefícios para os estudantes e os desafios institucionais, se faz necessário esclarecer alguns conceitos alternativos ao tradicional conceito de mobilidade presencial, como IoC e IaH. A IoC é conceituada como a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais no conteúdo do currículo, bem como nos resultados da aprendizagem, tarefas de avaliação, métodos de ensino e serviços de apoio de um programa de estudo (Leask, 2015. p. 27). Já a IaH é conceituada como a integração intencional de dimensões internacional e intercultural no currículo formal; e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem doméstico (Beelen & Jones, 2015). De uma maneira muito simples, a IoC abrange a IaH, quando falamos de currículo, porque na primeira está incluído a mobilidade virtual e a presencial. Mas, quando falamos de todas as funções universitárias, a IaH é maior que a IoC.

Pensemos um pouco na questão da IaH e, aqui, eu gostaria de situar no tempo o conceito de internacionalização em casa, internacionalização doméstica. Hoje, já está um pouco mais divulgado, mas isso ocorreu principalmente depois da pandemia, quando fomos obrigados ao isolamento e a comunicação ocorria via online. Os acadêmicos e os professores em especial, aprenderam a interagir via nuvem e as instituições também foram obrigadas a oferecer/desenvolver suporte para tal. Mas, mesmo assim, o conceito de internacionalização em casa, mesmo no global norte, ainda não é um conceito prioritário, mas um conceito alternativo.

Para ilustrar, vou contar minha experiência de trazer ao Brasil o conceito de IAH. A PUC do Rio Grande do Sul e o Centro de Estudos em Educação Superior (CEES), que eu coordeno, têm convênio com a universidade de New Castle (NU), uma das integrantes da Russel League que congrega as melhores universidades do Reino Unido. A Profª Robson, da NU, coordenou um projeto, juntamente com mais duas universidades da UE, uma da Bélgica e a outra da Itália, antes da pandemia, que aplicava a estrutura de internacionalização em casa nessas três instituições. Já nessa ocasião, eu estudava esse conceito, mas com pouca

bibliografia disponível. E com apoio do British Council, CNPq, FAPERGS e Capes, conseguimos estabelecer uma rede com a NU para estudar a IaH e hoje, com a inclusão da virtual Exchange, através da professora Muge Satar.

Ao tomar contato com o conceito, tive a certeza de que era isso que eu queria desenvolver para o sul global. Fiquei encantada com o conceito, ou seja, o aluno estando na sua universidade ou na sua casa, poderia ter acesso a universidades internacionais, a centros de culturas internacionais de qualquer parte do mundo. Isso poderia ocorrer durante todo o seu curso e não somente numa experiência de mobilidade com a máxima duração de 6 meses a 1 ano. Dessa forma, a IaH poderia também ser uma janela para o mundo.

Naquela época, anterior à pandemia, só se pensava em mobilidade presencial; era essa a questão: quando nós recebíamos alunos, uma das primeiras coisas que o estudante de mestrado e/ou doutorado perguntava – professora, quando eu viajo? E aquilo me deixava desgostosa, porque eu sabia que, embora eu fosse pesquisadora de um programa de excelência, com relações com universidades do exterior, poucos teriam essa possibilidade.

Então, quando nós começamos a trabalhar esse conceito, enfrentei muitas portas fechadas, mas também muitas abertas, porque o conceito de IaH fecha com América Latina. Se pensarmos no Brasil, não mais de 3% dos quase 9 milhões de estudantes universitários têm a chance, até o final do seu curso, de frequentar uma universidade em outro país, a chamada internacionalização transfronteiriça. Com a complementariedade de formas de internacionalização, tenho muitos alunos que têm toda a chance de frequentar uma universidade internacional.

Assim, se a internacionalização for desenvolvida em casa, existe essa possibilidade. O conceito é do Jos Beelen e Jones (2015) que também tive a oportunidade de conhecer. A IaH se relaciona tanto com o currículo formal quanto com o informal, e ela visa desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes internacionais e interculturais para todos os estudantes, ou seja, há uma grande ênfase (PaShBy e Andreotti, 2015) nos objetivos éticos, sociais, culturais e acadêmicos da internacionalização. A IaH oferece informação e suporte a contextos específicos. Isso significa que é a interculturalidade que aflora em contato com raças, com etnias diversas. Assim sendo, tu buscas essa inclusão e, da mesma forma, ela também possibilita o desenvolvimento de competências, ela também desenvolve adaptabilidade, flexibilidade e respeito às evidências e, mais ainda, prepara os estudantes para a vida no mundo. Embora a competitividade seja presente, se os meus estudantes tiverem a possibilidade de entrar em contato com o mundo, a cabeça vai ser diferente.

Da mesma forma que essas novas formas de internacionalização têm a potencialidade de fomentar a qualidade do curso, elas também enfrentam desafios institucionais para a sua

implantação. Isto porque elas devem ser acolhidas por toda a instituição, desde a gestão, até os técnicos administrativos. Köhler (2024) identifica como principais desafios da gestão: dominar os conceitos de internacionalização (IoC, IaH, Integral) com suas especificidades (educação plurilíngue, interculturalidade, educação para a cidadania global) e as competências internacionais, bem como seus atores, especialmente a formação continuada de professores para a internacionalização.

Assim, um dos atores mais importantes desse processo são os professores. E como os professores devem acreditar e ter competências para a internacionalização.

Entrevistadora:

É certo que as políticas governamentais influenciam a internacionalização da educação superior. Como você analisa as últimas políticas do nosso país para responder ao que você tem defendido em relação a uma internacionalização mais democrática, mais inclusiva e menos elitista?

Entrevistada:

Hoje, após a CRES+5, posso te dizer, como já expressei anteriormente, nessa entrevista, estou influenciada para uma visão positiva. E não se restringe somente ao campo das políticas regionais e nacionais. Um pequeno exemplo, se no processo avaliativo do quadriênio para a Capes, utilizarmos o campo da autoavaliação do programa de pós identificando e refletindo sobre as evidências possibilitadas por todas as formas de internacionalização para que um processo intercultural, construído pelo conhecimento sócio-histórico das etnias, plurilíngue, que respeite todas as línguas presentes de forma equitativa, voltado a uma cidadania planetária, com cerne nos seres vivos baseado na perspectiva primordial da educação para a sobrevivência do planeta, muito além da concepção de capacitação para o trabalho, estaremos influenciando as políticas e não só reagindo as concepções top down.

Claro que a internacionalização é a janela para o mundo. É importante interagirmos com todas as culturas sejam do norte global e do sul global, aquelas que possuem uma capacidade científica tecnológica avançada e aquelas que necessitam de solidariedade e outras formas avaliativas. Aquelas que se voltam à interculturalidade, ao plurilinguismo, à educação para a cidadania global e que, em seu processo se apoiem em diferentes tipos de internacionalização num movimento de complementariedade que vá além da mobilidade, se apoie também na IoC, na IaH, e na virtual exchange. A CRES+5 reforça esse pensamento destacando a perspectiva de integração regional emancipatória.

Enfim, o campo científico da internacionalização é movimento! Cabe, a nós, professores/pesquisadores, também, sermos motor de uma integração regional emancipatória.

Referências:

BEELLEN, Jos; JONES, Elspeth. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A.; PRICOPIE, L. M. R.; SCOTT, J. S. P. (eds.). **The European higher education area: Between critical reflections and future policies**. Dordrecht: Springer, 2015a, p. 67-80.

BOURDIEU, P. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos, Competências interculturais decoloniais na educação superior brasileira: o início de uma trajetória conceitual. **Revista Eventos Pedagógicos**. Sinop, v. 14, n. 1, p. 111-123, 2023.

CRES+5 – Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina e Caribe. **Conferência de acompanhamento da III Conferência Regional de Educação Superior para América Latina e Caribe**. Declaração da CRES+5. Brasília, Brasil, 15 de março de 2024. Disponível em: https://cres2018mas5.org/wp-content/uploads/2024/03/Declaracao-CRES5_15-3-2024_PT.pdf Acesso em: 10 abr. 2024.

MOROSINI, M. C.; DALLA CORTE, M. G. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, M. (org.). **Enciclopédia Brasileira de Educação Superior**. v. 1. Porto Alegre: EdUPUCRS, p 35-41, 2021. E-book.

IESALC – Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (2018). **III Conferencia Regional de Educación Superior para América Latina y el Caribe**. Declaração. Córdoba, Argentina, 14 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.cres2018.unc.edu.ar/uploads/Declaracion2018-Port-CRES.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

KÖHLER, Fabiane. **A internacionalização no currículo do Ensino Médio: desafios da gestão escolar**. 2024. 124 p. Dissertação de (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2024.

LEASK, Beth. **Internationalizing the curriculum**. Internationalization in Higher Education Series. NY: Routledge, 2015. 214 p.

MOROSINI, M. C. Educação superior na América Latina e Caribe: internacionalização e integração acadêmica. In: **Conferências UFGRS**, 1., 2017, Porto Alegre. Palestras [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <https://videos.ufrgs.br/ufrgstv/conferencias>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PASHBY, Karen; ANDREOTTI, Vanessa de Oliveira. Critical global citizenship in theory and practice: rationales and approaches for an emerging agend. In: HARSHMAN, Jason; AUGUSTINE, Tami; MERRYFIELD, Merry (Ed.). **Research in global citizenship education**. Charlot: Information Age Publishing, 2015. p. 9-34.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Seminário Interculturalidad y Educación Intercultural, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de marzo de 2009. Disponível em: <http://docplayer.es/13551165-Interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Editor de Seção: Diego Palmeira Rodrigues